

APRESENTAÇÃO

Na altura do centenário da ascensão das correntes fascistas na Europa, o fenômeno volta a assustar o planeta, surpreendendo aqueles que compartilhavam da tese de fim da história e outras ilusões do liberalismo. Enquanto a ascensão de partidos de extrema direita na Itália, na França e mesmo na Alemanha preocupam estudiosos que se dedicam a estudar o movimento fascista e as condições que permitiram a conversão de regimes de democracia liberal em regimes fascistas; enquanto na Ucrânia, na Polônia, na Hungria, nas Filipinas e na Índia líderes autoritários de extrema-direita e seus partidos formam coalizões com as direitas tradicionais e correntes liberais ou neoliberais para compor governos, nos Estados Unidos de Trump e no Brasil de Bolsonaro o fenômeno assume cada vez mais a característica genocida que marcou o fenômeno histórico. Ao mesmo tempo, também em países da Europa Ocidental, como Itália, Alemanha e França, e mesmo em outros onde o fenômeno é mais recente, como Espanha e Portugal, evidencia a preocupante ascensão de movimentos (neo)fascistas. Seja nos marcos do avanço de uma pandemia que atinge, principalmente, as populações mais vulneráveis das periferias e que vivem nas margens das grandes cidades, seja no estímulo ao supremacismo branco configurados no armamento de setores médios da população e na prática costumeira de violência policial que atinge, sobretudo, as populações negras, o fascismo nas Américas, Ásia e Europa volta a assombrar.

Como no passado, os desafios vividos na atualidade, conjugam a incontornável necessidade de compreender o fenômeno e ao mesmo tempo combatê-lo, o que dramaticamente atualiza a décima primeira tese de Marx sobre Feuerbach sobre a associação entre interpretar o mundo e lutar pela sua transformação. Tão ou mais atuais do que as palavras de Marx, contudo, as palavras de Gramsci, um combatente antifascista que foi vítima de Mussolini, guarda toda a força do atual momento que atravessamos, quando este diz, em 1919: *“Instrui-vos porque teremos necessidade de toda vossa inteligência. Agitai-vos porque teremos necessidade de todo vosso entusiasmo. Organizai-vos porque teremos necessidade de toda vossa força”*.

Há praticamente um século, em março de 1921, Gramsci identificava o fascismo como movimento internacional, definindo-o como *“a tentativa de resolver os problemas da produção e da troca através de rajadas de metralhadoras e de tiros de pistola”*. Cem anos depois, e nas proximidades da efeméride secular da instalação dos primeiros regimes fascistas na Europa, não fosse por si só indispensável uma atualização dos estudos aos quais se dedicaram algumas das mentes mais competentes do século XX, a indispensável tarefa de impedir que o fascismo se transforme em regime em diversos países move boa parte dos esforços dos estudiosos, muitos dos quais adaptaram seus objetos para entender o evento. Estes estudiosos, aliados aos movimentos sociais, dos partidos e organizações de esquerda, dos sindicatos e das chamadas minorias políticas, como os negros e negras, os indígenas, as mulheres e os LGBTQs, todos potenciais vítimas do fascismo, envidam os maiores esforços para compreender o fenômeno e, mais do que isso, para ajudar a combatê-lo e esmagá-lo com a implacável força da classe trabalhadora e seus intelectuais orgânicos.

Neste ensejo, a revista *História & Luta de Classes* apresenta o dossiê “Fascismo e Antifascismo”, buscando ajudar aos lutadores e lutadoras do Brasil e de outras partes do mundo a encontrar, através da instrução e do conhecimento, as condições indispensáveis para melhor travar a luta, no espírito de ativar o entusiasmo e a força que são requisitados pela atual quadra histórica, que embora trágica, pode também estar prenhe de futuro. Este dossiê, por conseguinte, que emerge dos problemas e experiências concretas do momento em que vivemos, busca explorar, a partir de diferentes abordagens e concepções teóricas, a complexidade e profundidade do debate, que aqui reunimos em torno dos conceitos de Fascismo e Antifascismo, bem como suas possibilidades de manifestação na vida social.

O artigo de José Luciano de Queiroz Aires, “*Gramscianismo Cultural*”: *a ideologia neofascista brasileira*, traz uma discussão sobre os ataques da atual extrema direita neofascista brasileira ao pensamento de Antonio Gramsci, onde o movimento reacionário encontra respaldo nas abordagens de Olavo de Carvalho e na suposta “guerra contra o marxismo cultural”. Jefferson Rodrigues Barbosa discute uma forma particular de movimento fascista em seu artigo *Extrema destra italiana: gênese e fundamentos da retórica do fascismo social da Casa Pound*, abordando uma organização fascista italiana de caráter xenofóbico, mas que se distingue pela perspectiva de um “fascismo social”, que defende seletivamente direitos sociais, apenas para cidadãos italianos. Analisando a participação de mulheres na Ku Klux Klan, Bárbara Câmara Aragon, aborda criticamente as contradições acerca do debate atual em torno da possibilidade de compatibilidade entre o reacionarismo fascista e movimentos feministas, em seu artigo “Existe Feminismo Fascista?: uma reflexão acerca do papel das mulheres na Ku Klux Klan atual”.

Everton Pimenta discute as contradições presentes nas expressões concretas do fascismo no artigo *Maçonaria, metodismo e integralismo*, no qual discute a trajetória peculiar de Oscar Machado, um destacado líder integralista que era simultaneamente educador metodista e integrante da maçonaria, condição que explicita contradições do movimento, em especial no que refere à retórica anti-maçônica do integralismo brasileiro. O artigo de Marco Antonio Pereira analisa as trajetórias dos comunistas Apolônio de Carvalho (1912-2005) e Renée France de Carvalho (1925-2018), um casal de combatentes antifascistas que dedicaram suas vidas à derrotar o fascismo e à luta por construir uma alternativa socialista na Europa e no Brasil. Tomando os escritos autobiográficos dos personagens, o autor recupera parte das experiências de combate na guerra civil espanhola de Apolônio de Carvalho e na resistência contra a ocupação nazista na França, de Renée France de Carvalho, para compor uma cena histórica que tem muito a nos ensinar nos dias que correm. Finalmente Nilton Batista Leite, no artigo “*Aproximações entre o fascismo histórico e a ‘era’ Bolsonaro*” busca compreender as similitudes entre a experiência histórica do fascismo e o fenômeno de ascensão de Bolsonaro, o que poderia configurar uma era. Partindo das teses de Umberto Eco sobre o “fascismo eterno” (Ur-Fascismo), Nilton Batista analisa as de estratégias discursivas do atual presidente tentando deslindar o componente autoritário no seu projeto.

Para além do dossiê, esta edição completa-se com outros três artigos e três resenhas. O primeiro deles, *De gabinetes e barricadas: o que Marx e Engels têm a*

nos ensinar ainda hoje sobre metodologia da História retoma o debate fundamental sobre o método desenvolvido por Marx, discutindo criticamente as simplificações e deturpações correntes nas abordagens antimarxistas contemporâneas, recuperando os elementos centrais de sua perspectiva dialética na análise concreta dos processos sociais. O artigo de Gustavo Koszeniewski Rolim, *O Memorial Luis Carlos Prestes, a materialização de uma história: possibilidades na educação patrimonial* explora as possibilidades de desenvolvimento de iniciativas de educação patrimonial a partir das experiências realizadas no Memorial Luis Carlos Prestes, em Porto Alegre. No artigo *População em situação de rua: a evidência da barbárie*, Verônica Martins Tiengo apresenta dados e reflexões sobre a situação atual da população de rua no Brasil e em outros países da América Latina, suas condições de vida e de trabalho e sua relação com o processo de reprodução capitalista. A resenha de Eduardo Pereira discute o livro *A classe trabalhadora de Marx ao nosso tempo*, de Marcelo Badaró Mattos. Mateus Pinho Bernardes resenha o livro *Professor, você trabalha ou só dá aula?*, de Mariana Esteves de Oliveira. Finalmente, a resenha de Mariano Sánchez discute o livro *Psicopolítica: neoliberalismo e as novas técnicas de poder*, de Byung-Chul Han.

História & Luta de Classes atinge sua edição de número 30, uma marca que sabemos que é difícil de alcançar, ainda mais para um periódico de perfil crítico e que não renuncia à produção de uma versão impressa. Isto é resultado de um processo de construção coletiva, com o engajamento ativo de várias dezenas de companheiros de diferentes regiões do país, o que permite ao mesmo tempo produzir a revista e garantir sua circulação, uma tarefa ainda mais difícil para um veículo com este perfil e que não tem como contar com os tradicionais canais de distribuição e comercialização. Ao longo destes mais de 15 anos de circulação, publicamos 30 dossiês temáticos abarcando temáticas fundamentais para a classe trabalhadora e suas organizações, sob os mais distintos recortes temáticos e metodológicos, em mais de trezentos artigos publicados.

No momento em que esta edição é lançada, o Brasil permanece no epicentro mundial da pandemia do novo coronavírus, padecendo os efeitos de uma política genocida proposta por um governo que de forma consciente e sistemática sabotou todas iniciativas de isolamento social, desestimulou os cuidados necessários e estimulou a contaminação ilimitada. A terrível crise sanitária agravada e prolongada pelas absurdas políticas governamentais produziram já, no momento em que escrevemos esta apresentação, mais 131.000 óbitos nos números oficiais, o que já nos coloca entre os oito países do mundo com mais mortes por milhão de habitantes. Mas a estes números, deve-se acrescentar outros 50.500 óbitos registrados como Síndrome Respiratória Aguda Grave “não especificada”, e um número que jamais teremos como determinar com exatidão de mortos que sequer tiveram atendimento ou que tiveram seu óbito atribuído a outra causa. O Brasil é um dos países com mais baixa testagem, o que se expressa na relação de um caso positivo para cada três testes realizados (sete vezes menos que a recomendação da OMS), e ainda assim é um dos três países com mais casos e está entre os dez que nos números oficiais já tem mais de 2% de sua população contaminada. O desafio representado pelo novo coronavírus é mundial, mas a dimensão da tragédia sanitária brasileira só pode ser compreendida em sua relação com a forma que o atual governo, sob liderança fascista, atuou,

atacando a ciência e o conhecimento e propagando desinformação e negacionismo. A luta contra o fascismo é, mais do que nunca, também uma luta pela vida.

No exato momento em que fechamos esta edição, somos lamentavelmente lembrados, uma vez mais da atualidade e necessidade do debate sobre fascismo e antifascismo, surpreendidos pela notícia de que um magistrado decidiu que a infame produção e divulgação de um dossiê que reúne informações pessoais de militantes antifascistas não constitui crime, chegando inclusive a considera a atitude de um parlamentar fascista como normal e correta. Com isto, só nos resta encerrar citando Gramsci uma vez mais, quando o sardo registrou, em junho de 1921, frente à escalada de atentados terroristas promovidos pelos fascistas, que *“os fascistas só puderam realizar suas atividades porque dezenas de milhares de funcionários do Estado, em particular dos organismos de segurança pública (delegados de polícia, guardas-régias, carabineiros) e da Magistratura, tornaram-se seus cúmplices morais e materiais”*.

Setembro de 2020

Gilberto Calil
Editor

Carlos Zacarias de Sena Júnior
Flávio Calheiros
Gilberto Calil
Coordenadores do dossiê